**CAPS e UBS: a trama de espaços de existir no bairro**

O município de Jundiaí, desde 2015, realiza apoio matricial às equipes da atenção básica.: Durante as reuniões de matriciamento entre CAPS e UBS/NASF, foi observado o distanciamento dos usuários frente aos cuidados em saúde mental de modo ampliado, com prevalência de acesso a consultas médicas e pouca inserção em atividades coletivas. Diante disso, a equipe refletiu sobre a potencialidade da construção de um espaço grupal que ocorresse em cenário composto pela história social dos usuários. Conforme aponta o autor Milton Santos, “o território é o chão e mais a população [...], o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. Quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que se está falando em território usado, utilizado por uma dada população. (Santos, 2001, p. 96).

Neste sentido, a vinculação com o território fortalece a integração local, facilitando o acesso aos serviços e promovendo a inclusão social dos indivíduos atendidos. Nesta perspectiva, foi proposto realização de grupo de referência no território, com objetivo central de percorrer/construir uma trama relacional que aproximasse as pessoas a partir de um ponto em comum, a circulação no bairro, com:

\* respeito à singularidade dos sujeitos, a partir da sua história de vida naquele bairro e possibilidades de contratualidade no território;

\* estreitamento de vínculos entre os moradores, a partir de experiências compartilhadas;

\* vivência de horizontalidade entre equipes de saúde e usuários;

\* reconhecimento do território pela equipe a partir do olhar dos usuários;

\* fortalecimento de pertencimento e apropriação dos usuários no território; \*aproximação dos usuários das propostas terapêuticas coletivas da UBS;

As reuniões de matriciamento acontecem mensalmente na UBS, com profissionais dos CAPS II, IJ e AD, além da equipe do NASF. Neste espaço, foram então iniciadas discussões sobre como o arranjo dos grupos de referência no território, em parceria com a UBS, poderiam contribuir para a produção de novos sentidos de relações entre usuários e equipes, assim como transformar os atendimentos com enfoque ambulatorial medicamentoso a partir da realização de encontros no território matriciado.

Avaliou-se que seria importante a realização deste grupo em espaços públicos, com música e piquenique de construção coletiva, favorecendo o compartilhamento de vivências e aproximação informal entre os participantes. A escolha de realização dos encontros em espaços públicos teve e ainda terá especial relevância na ocupação dos espaços de circulação informais, que não se relacionem somente com os serviços de saúde envolvidos, mas que contemplem as possibilidades do existir e estar no bairro de forma livre e orgânica. Tais encontros trouxeram a possibilidade de ampliação do “olhar para o bairro” a partir da composição dos olhares dos usuários e profissionais moradores daquela região.

Esta oferta de Cuidado continuará no próximo ano, sendo reestruturada no sentido de garantir a ampliação dos espaços físicos utilizados, valorizando o conhecimento dos moradores, sua cultura, caminhos de circulação, pertencimento e contratualidade exercida na dimensão geográfica e relacional no bairro.

Durante o curto espaço de tempo, desde o início dos primeiros encontros, observamos que o dispositivo ofertado favoreceu que os usuários pudessem trazer suas histórias e sentimentos de pertencimento ao bairro e suas percepções sobre os serviços de saúde e lazer. Dialogamos também sobre ampliar intersetorialmente tais encontros. Foi possível ampliar os possíveis cenários de circulação dos usuários a partir do conhecimento de novos espaços. Alguns encontros foram articulados com atividades ofertadas pela UBS e pelo CAPS. Agentes Comunitários de Saúde também compartilharam seu conhecimento com moradores daquele território. Houve diálogo sobre a possibilidade de ampliarmos intersetorialmente o uso dos espaços em tais encontros. As ACSs trouxeram vivências como moradoras do território e profissionais de saúde, nesta intersecção, que favorece o engajamento e a apropriação do território.

Finalmente, o dispositivo grupal em espaço público, a partir de interação não estruturada entre os profissionais e usuários, facilitou a aproximação entre todos, promovendo reflexões sobre o sentido do morar, pertencer a um bairro, com as ofertas de lazer, cultura, saúde, educação e circulação social que este promove. Foi possível que as equipes estivessem em cena para contribuir na tecitura dessas redes quentes, tal como Passos (2004) apud Emerich conceitua: “não há como escaparmos de redes no contemporâneo e, por isso, a estratégia é a de construirmos redes de resistência: redes quentes, isto é, redes não homogeneizantes, mas redes sintonizadas com a vida, redes auto poéticas”. Assim, a compreensão do cuidado ampliado territorial, apoiado pelas equipes dos serviços de saúde, possibilitou a produção de subjetividades, promoção de saúde e a consideração das singularidades deste território como os locais populares, os pratos típicos daquele bairro como por exemplo o “bolinho de carne com queijo do bar do Dito”, ou “o sorvete da Frutiquello”, e mesmo “os pés de manga exuberantes do bairro”, lugares que chegaram a ser sugeridos como ponto de encontro em próximas ocasiões.

Para além dos resultados já alcançados, planeja-se que os grupos possam ocorrer com mais frequência, conforme passem a compor, de maneira integrada, a rotina de cuidado dos usuários. Além disso, está planejada, para os próximos encontros, a produção de desenho cartográfico para que os usuários nos apresentem o território em suas possibilidades concretas de ocupação e acesso, articulando assim a rede subjetiva de pertencimento e conexão dos moradores. Desta forma, buscando construir uma assistência mais humanizada e próxima dos usuários, que os convida a produzir novos modos de vida, a partir do encontro com o outro, respeitando a diversidade, de modo a integrar os serviços de saúde mental com a comunidade.

Quando convidamos os usuários a descrever o bairro a partir de seu olhar, de como se sentiam naquele território e como circulavam a partir de suas singularidades, uma das participantes nos enviou seu olhar sobre pertencimento, em linguagem poética e artística, que é sua mais potente maneira de estar no mundo, nas relações. Que sigamos buscando esses olhares, essas percepções, que podem nos apontar e balizar por onde o cuidado em saúde mental precisa passar.

De onde venho

De pés descalços eu chutei a bola.

- Aí! Meu dedão!

Minha mãe chamou pra jantar.

- Ah não, mãe. Ainda não.

Eu conheço cada pé de manga daqui até lá embaixo.

Manga verde com sal

Que delícia!

No postinho eu tomo vacina,

Tenho a minha carteirinha.

Quando eu tô de bicicleta

não tem quem me segure não

**Ester Antônio**

Poema escrito por Ester Antônio, comunicadora social, ativista de pautas em saúde mental, poeta e diretora de arte, moradora deste bairro.

Bibliografia

Emerich, B. F. CAPS no território: onde a vida acontece. UNICAMP - Programa de Aprimoramento em Saúde Mental. Campinas, 2006/2007. Disponível em: https://www.fcm.unicamp.br/fcm/sites/default/files/caps\_no\_territorio.pdf Acesso em: 30 de jan.de 2024.

Lima, E. M. F. A; Yasui, S. Territórios e sentidos: espaço, cultura, subjetividade e cuidado na atenção psicossocial. Saúde Debate. Rio de Janeiro, v. 38, n. 102, p. 593-606, jul-set 2014.

Passos, E. O CAPS como matriz das ações psicossociais no território. III Encontro dos Serviços de Atenção Psicossocial no Rio de Janeiro: O cuidado em sua dimensão ético, clínica e política, mimeo, 2004.

Santos, M.; Silveira, M. L. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.p.96.